

SESSÃO DE DIÁLOGOS DE PAZ

DELPАЗ - Desenvolvimento Local para a Consolidação da Paz em Moçambique

Moçambique: Conflito & Desenvolvimento

Rafael Shikhani

Chimoio. Julho, 2024

Breve Historial do Conflito

A meu ver existem quatro fases de conflito no que hoje é percebido como Moçambique, quer como projecto de potentado colonial, como colónia e como estado independente e as estrutura da seguinte forma¹:

1.ª Fase Pré-Colonial:

Caracterizada pela dinâmica conflitual entre as diferentes unidades políticas nos respectivos espaços administrativos e de influência e entre si em resultado ou parte de concorrência económica e ou política.

2.ª Fase Colonial:

Pouco anterior à Conferência de Berlim (1844-1845) que resultou na afirmação da presença portuguesa em toda a expansão do que hoje é conhecido como território moçambicano e todas as dimensões do conflito desta implantação. Pese embora, a partir de certa fase, com a implantação político-administrativa terminada e a relação entre os nativos debaixo da *colonial rule*, se tenha estabelecido o que considero a *pax colona*, isto é término do conflito nos moldes da fase pré-colonial. A dominação colonial era *per si* um conflito. Cujas(s) antítese(s) eram as manifestações de revolta à dominação colonial que desembocaram no movimento proto e nacionalista.

3.ª Fase Pós-Colonial:

Pouco tempo depois do triunfo da Revolução, o surgimento do Estado independente foi bafejado por um movimento adverso de contra-revolução cujos contornos substituíram o país de referência económica para referência de violência e exemplo de conflito ideológico. A guerra civil na sua estrita asserção congrega toda a dimensão de conflito desta fase. Mesmo nas regiões que não sendo palco directo do conflito militar viviam as ondas concêntricas da sua violência.

¹ Em termos cronológicos esta arrumação obedece os consulados em contraposição ao **Período Colonial** em bloco (que inclui a *fase de contacto*, a *ocupação efectiva* (1885) e vigência do *Estado colonial* como tal) e a fase **Pós-Colonial** agrupando basicamente toda a época pós-independência na medida, características e dinâmicas da sucessão de consulados políticos: Samora-Chissano-Guebuza-Nyusi. Entretanto outra proposta cronológica existe e é igualmente válida. Que considera sobretudo a característica ideológica e identitário-geracional dos consulados com a seguinte sequência: “i.) a **Época Colonial**: 1885-1974; (intermeado de um curto período de Transição: do 25 de Abril de 1974 (*Revolução dos Cravos*) a 25 de Junho de 1975 (Independência de Moçambique); ii.) o **Período Pós-Independência** que se divide em: **1.ª República** (1975-1986): a *República Popular*; a **2.ª República** (1986-2024) a *República Democrática e Liberal*: Chissano-Guebuza-Nyusi e na **3.ª República**: (pós-2024) que se espera que seja de paz e desenvolvimento”. Conversa com Amade Camal. 17.06.2024.

4.ª Fase Pós-Guerra:

Embora em paz, o país vive essencialmente a ausência da guerra, sem massacres, bombardeamentos e ou outros actos de uma guerra aberta. Mas novos conflitos surgem em contextos geoespaciais de diversa ordem: localidade, bairro, cidade, fábrica, escola, etc. nas mais variadas dimensões: sociológica, política, económica e cultural alinhando, cada uma, no intrincado novelo de uma sociedade em muitos aspectos pós-apocalíptica.

Desenvolvimento:

Diz o adágio: “depois da tempestade a bonança”. Depois da guerra vem a paz e a paz é po ingrediente primeiro para qualquer desenvolvimento económico. O que acontece a meio de uma guerra não é desenvolvimento mas rapina de recursos. Uns fornecem armas e alimentam o conflito outros compram-nas a preços exorbitantes e aproveitam enriquecer.

Estando em guerra não se faz nada mais senão matar, odiar e destruir. A paz é um maná. E por isso é sempre bem vinda e querida por todos. O que fazer então com a paz? Amar? Estudar? Procriar? Criar? O que se faz com a paz? O que fazer com a paz?

Para começar tudo o que a guerra não permitia, por exemplo: Semear, plantar, cuidar e colher. Vender, comprar, vestir, amar, criar, cuidar estudar e acumular justamente.

É aqui onde entram os jovens. Conscientes de toda a confusão gerada pelos conflitos de toda a sorte. dos ideológicos, religiosos, culturais, aos militares, a guerra como tal. Evitam-nos e focam-se na construção de novos caminhos para a sociedade onde vivem e que um dia esperam conquistar e ou dominar, numa perspectiva positiva, claro.

O trabalho fica assim a única arma para essa conquista, os estudos ficam as suas balas, e o amor as únicas armadilhas ou emboscadas permitidas nesta guerra de conquista pelo trabalho.

A cultura, a fé, e o amor ficam complementos estratégicos de quem quer viver e deixar viver. Mas acima de tudo de construir um país rico, próspero e igual. É muito importante que se criem pontes com tudo o que me referi aqui para aproximar as pessoas e juntas, possam trazer a prosperidade para todos no presente e a riqueza para o futuro.

Assim, resumindo o desenvolvimento não floresce no conflito, não cresce com o ódio por melhores sementes tenhamos nas mãos a terra não as fecunda se estiver coberta de sangue e os nossos corações secos de ódio.

Obrigado!!